

# PROSA / POESIA: OS DIAS NUMA REDE DE JUÍZES TOMADA PELA POESIA

Mônica Sette Lopes

O objetivo deste texto é apresentar a história dos *juizespoet@s* que lançaram o livro Poesia/Prosa, editado pela LTr em 2010, pelo Projeto Leis e Letras do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região e de sua Escola Judicial no dia 18.03.2011. É contar como juízes podem falar numa língua que não é a do processo e como, ao falarem na língua da poesia, não querem nem se lembrar de que são juízes. E nem sempre conseguimos fugir do que está em nós, mesmo naquele canto da internet, onde à espera dos outros que podem chegar, tentamos viver apenas poesia.



Para atingir o alvo da narrativa de recapitulação poderia começar de um jeito mais do que pessoal. Poderia contar quando fui posta contra a parede, logo nos primeiros dias de lista, em janeiro de 2006. Engasgando como sempre quando pedem de chofre para dizer o que as coisas são. Foi o Paulo Merçon quem fez a pergunta na então

recém criada lista dos juízespoet@s: “O que é poesia, Mônica?” E ele sabe como travo com os conceitos. E tentei responder assim: “Poesia é a pomba gordinha que nasceu na janela do apartamento que eu comprei e que está vazio esperando que tome decisões. Tão gordinha na janela desde o ovinho mínimo. Ela e a mãe, mudas na janela. Uma com a outra. E eu que detesto pombas.”

A pombinha não está lá mais. Há, porém, tanta história vivida à distância desde então, numa virtualidade que apanha o sentido em extensão do termo, para além do potencial porque a amizade veio a ser, tornou-se possível, factível. Aconteceu. E, no tempo perfeito, há o passado consumado e projetado que se demonstra hoje no presente de tantos de nós que fomos nos achegando. Há o que já somos e o que seremos.

A Maria Francisca juntou-se a nós em 06 de junho de 2006 e, entre os juízespoet@s de fora de Minas, ela é a primeira. Àquela altura, giravam na lista os *Jogos de Carta*<sup>1</sup>, da Cecília Meireles de *O Romanceiro da Inconfidência* e o *Poema Intencional*, de Capinam<sup>2</sup>.

Em julho de 2006, o Pepe nos contabilizou em 13 e hoje somos 56, com esta expectativa amena dos que podem nos aconchegar a qualquer hora. Para mencionar apenas os autores do livro Prosa/Poesia, que é a razão deste texto, o José Antonio, a Cláudia Reina, o João Luiz, o Genésio Vivanco e a Julieta Pinheiro chegaram em janeiro de 2009 e este foi um ano sensacional em que muitas pessoas-juízes de outros Estados se integraram a nós. O Marco Mendes, logo ao entrar, também em janeiro de 2009, lembrou que Bernardo Guimarães foi um juizpoeta. O Paulo Nunes, o Alexandre Roque e o Marcos Fava vieram em abril de 2009. O Zéu Palmeira, em julho e a Maria Josuíta, em agosto de 2009. O Geraldo Pereira apareceu em maio de 2009 e, um dia, nos presenteou com a notícia do lançamento de seu livrinho com as *fábulas di-versificadas*<sup>3</sup>, que se agregou ao da Francisca, que mistura *sal, pimenta e ternura* (Vitória, 2007), ao do Jairo, que trouxe *as lágrimas no assoalho* (Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008) e ao do Paulo Merçon, que *abreviou o invisível* (Rio de Janeiro: Sete Letras, 2009). Dos co-autores deste primeiro livro, o Rui é o caçula, de maio de 2010.

---

<sup>1</sup> <http://www.cafetarot.com.br/2009/12/arcano-inconfidencia.html>, acesso em 06.03.2011.

<sup>2</sup> <http://pensador.uol.com.br/frase/MTkyNjc5/>, acesso em 06.03.2011.

<sup>3</sup> [http://www.protexto.com.br/livro.php?cod\\_livro=319](http://www.protexto.com.br/livro.php?cod_livro=319), acesso em 13.03.2011.

Um dia, a Francisca encerrou uma discussão sobre o ser da poesia, sobre a poesia concreta, sobre verso e métrica dizendo que um pouco de Bilac não faz mal a ninguém. Embora a tristeza. E isto consolidou mais uma vez o diverso em nós. Depois entrou *Eu, etiqueta* de Drummond<sup>4</sup>. E muitas outras de Drummond. Acho que a primeira canção postada foi *Diva*, de César Costa Filho e Aldir Blanc<sup>5</sup>. Dois poemas em inglês do Borges passaram pela lista. E Adão Ventura, Ferreira Gullar, Torquato Neto. O Paulo Nunes indicou *Contos Cinematográficos* ao João Luiz e fomos nos indicando o lido e o visto no cinema e em tudo o mais. E o Marcos Fava conjecturou sobre a execução como tema para a literatura fantástica – mágica – que reconta tão absurdamente o mundo, que o torna verdadeiro, instigante, provocador, como não é a rotina realista. E, com *García Marques, Cortázar, Pound*, falou do corriqueiro percebido no mistério. A execução parece mesmo bruxaria.

Mas não se fala de direito na lista.

Repetidas vezes os poemas da infância foram lembrados. O *Plutão*<sup>6</sup>, de Olavo Bilac, que nos ensinou sobre a morte, junto com o *Veludo*, de *História d'um cão*, de Luiz Guimarães<sup>7</sup>, que é tão triste que não dá nem para pensar, mas escancara o mal e o bem; *A canção dos tamanquinhos*, de Cecília Meireles<sup>8</sup>, que transforma as palavras em brinquedo, e *A flor e a fonte*, de Vicente Carvalho<sup>9</sup>, onde se aprende que tudo é sempre levado para o mar. O azulão que voa e que também é música<sup>10</sup>.

Um dia, o Jairo começou a mandar os textos dele. Ele foi o primeiro. Discretamente. Porque os textos vinham cheios de perguntas. Como escrever, o que mudar. Como estava a estrutura do personagem. Como estava o enredo do conto. O final correspondia à expectativa formal do inesperado? A verdade, porém, é que só escrevi *O Anel* que está no livro, porque o Jairo inventou *O broche* e o Marcos Mendes pediu para contar a história que emendava na dele. E um dia, ele, o MMendes mandou o conto com um desenho e era bonita a marca do lápis que chegou na tela no inesperado.

---

<sup>4</sup> <http://projetos.educacional.com.br/paginas/pp/47080001/3854/t132.html>, acesso em 05.03.2011.

<sup>5</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=UZ6Ky-xZSXU&feature=related>, acesso em 13.02.2011.

<sup>6</sup> <http://pt.poesia.wikia.com/wiki/Plut%C3%A3o>, , acesso em 05.03.2011.

<sup>7</sup> <http://www.revista.agulha.nom.br/lui01.html>, , acesso em 05.03.2011

<sup>8</sup> <http://recantodasletras.uol.com.br/poesiasinfantis/600207>, acesso em 05.03.2011.

<sup>9</sup> <http://www.celipoesias.net/atualizacoes/afloraefonte.htm>, acesso em 05.03.2011.

<sup>10</sup> <http://www.mpbnet.com.br/musicos/cida.moreira/letras/azulao.htm>, acesso em 05.03.2011.

E ele está no livro ilustrando o conto assombrado como síntese do que nos assombra na surpresa das salas de audiência.

Mas não se fala de direito na lista.



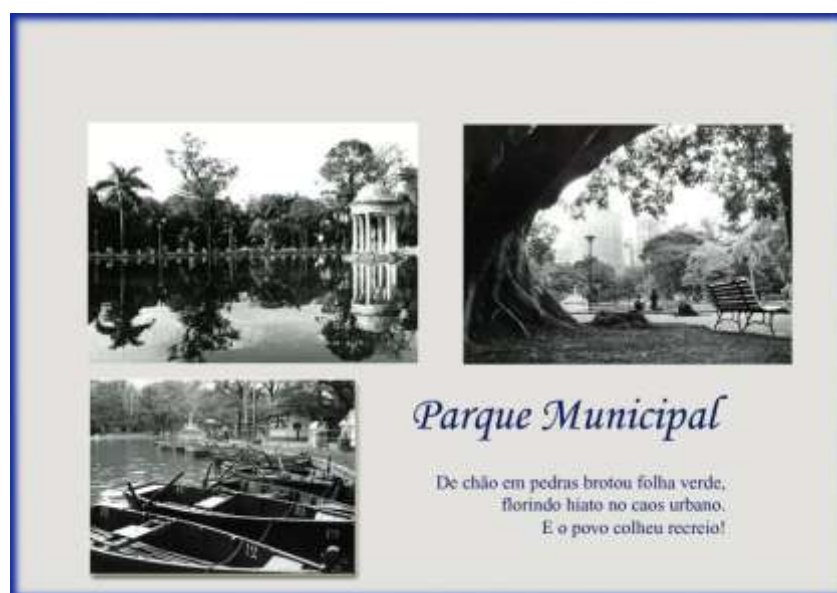
Figura 1 - Desenho de MMendes

Uma coisa levando a outra. Os textos vão vindo no imprevisto, como uma necessidade de contar e de contato e o melhor é que nós nos olhamos com delicadeza. Nós nos vemos na diferença e sabemos que é bom estar ali. Só isso. Bastante.

E fomos nos conjugando numa conversa feita refúgio. Porque todos nós, juízes, somos gente que fica atrás do computador, gente escondida atrás da tela escrevendo as letras das decisões. E quando bate uma poesia no meio da manhã, é como sair para um passeio. É o tempo de respirar fundo e dar uma gargalhada sozinho no escritório. É a tela que brilha de repente de alegria, de poesia, de música, de convívio. É a tela nos levando para onde somos mais humanos. Gente como qualquer gente.

Há épocas de muito silêncio. E é bom este repouso das palavras, às vezes. Dias, semanas em que ninguém fala nada. O ano de 2008 foi assim. Uma calmaria. E depois de um tempo alguém diz uma coisa simples, na despreensão, e a lista fica nervosa, na definição do Jairo. Um nervoso de agitação. Todo mundo querendo falar ao mesmo tempo.

E as histórias vêm tão sinceras que incautos, como eu, que não tenho a imaginação de criar a literatura como é, que não sei inventar a realidade, sempre acreditam que tudo é verdade. Há também muita música, porque nós sabemos que a vida precisa de uma trilha sonora, para que a gente desperte e preste atenção.



**Figura 2 - Parque Municipal - Belo Horizonte - Texto e fotos de Paulo Merçon**

Um dia, em abril de 2009, alguns de nós se encontraram em BH e daí chegou à lista a ideia do conto coletivo. Um entusiasmo. Uma bagunça. Nestes horas é engraçada a negativa de que a nossa condição de juízes interfira. Porque, assim que o assunto surgiu, vieram também mil propostas de regulamentação. Regras, prazos, discussões sobre forma, sobre limites. Com itens e subitens. Cláusulas. Preclusão? Sanção? Com bom senso tudo foi se ajeitando e a regra de ouro ficou sendo mais de um fim para o conto e todos postados na mesma hora pelos que quiseram participar. O *Sábio da banca* que começou com o Merçon e acabou juntando todo mundo, torcida inclusive, está no livro com seus quatro finais, numa metáfora das várias possibilidades de interpretar a coisa.

Um dia, o Jairo falou de seu revisor que é cego (e, só de pensar, isto é uma beleza) e do seu leitor-beta, um leitor curinga, pronto para apontar todas as verdades do seu ponto de vista de leitor, como se fosse um leitor-ideal, que expressa com o sentimento de leitor integrado no texto. E contou uma história dele sobre o nosso livro: “Dei a ele, como não poderia deixar de ser, um exemplar do nosso livro. Ele adorou, mas eu achei interessante a opinião dele sobre o conto coletivo. Ele alisou o bigodão e sorriu, olhou lá longe e disse: “Aquele conto coletivo...” E ficou olhando lá longe e sorrindo. Eu esperando a opinião e ele olhando lá longe. Por fim ele disse: “Aquele conto coletivo...”

Um dia, o Merçon falou que estava entre nós para saborear. Porque uma opção seria transformar a lista numa oficina para discussões que seguissem como um curso fazendo a teoria da poesia, da literatura. E esta seria uma boa direção. Mas de algum modo o *deixar rolar* vai prevalecendo como a nos dar descanso do mundo de tantos prazos, regras e formas.

Um dia, chegaram as minhas algemas. Envelope grande, como os de carregar processo, selo, carteiro. Com elas a frase que, fora do contexto, pareceria estranha. “Você tem que ter essas algemas”. E era pura verdade. Eram as algemas de *Dostoievski* que a Cláudia Reina fotografara na fonte da história e que se juntava às mil fotografias que ela tem de casas de escritores, de lugares de escrever. E eu fiquei ali como o leitor-beta do Jairo: “Essas algemas... Essas algemas...” Minha vida teria sido mesmo outra sem as algemas que chegaram pelo correio consolidando a fratura na vida de *Dostoievski*. A injustiça cometida contra alguém que expressara sua concepção sobre a realidade. E que era diferente. E delas brotou história. E delas brotou memória, relato, palavra. E quem se lembra dos que o algemaram?



**Figura 3 – Algemas de perna de Dostoievski – Foto de Cláudia Reina**

Um dia, veio a notícia de que a Maria Josuíta havia sofrido um acidente e falecera. A primeira entre nós a se esvaír do mundo e levar um pouco das nossas fragilidades transformadas em poesia. Na pequena pesquisa que fiz para escrever este texto constatei que seu nome permanece entre os associados, como se nada tivesse acontecido. As mensagens indo até ela. Nenhum sinal de que elas estejam retornando. Dá um aperto no peito pensar que tudo continue como se nada tivesse acontecido quando tudo aconteceu. O seu último poema está no livro. Foi uma homenagem que nós prestamos. O livro já pronto, inserimos o poema que se chama *Sobreviventes*. E há que fazer um silêncio para enfrentar a beleza neste encontro de poesia, de vida e de morte. Porque ela termina com a síntese do nosso dever de viver na poesia dos outros, na poesia com os outros:

“Perdemo-nos

Mas, o eco da sua voz ainda grita aos meus ouvidos

Lembrando-me do amor que foi tolhido, da poesia incompleta  
e dos frutos que não vingaram;

Restou, o encantamento do amor vivido

A nossa história...

A madrugada clara para lembrar de nossas aventuras e desventuras

Sobrevivemos a nós e ao nosso amor.”

Assim vai a lista em rede que virou parte da nossa rotina de ser. Cada dia com seu cada dia. Porque, na verdade, o *conto coletivo* somos nós. Na linha e no final como não se pode antecipar.

**Juízes [poet@s](mailto:poet@s) sois vós?<sup>11</sup>**

Alexandre Roque Pinto

Saiu do ocaso  
E com ele trouxe  
Angústias  
De todos os mineiros  
Maria Francisca dos Santos Lacerda  
Entre silêncios e vozes  
E que de loucura nada tem  
Nos brindou com Orfandade  
Além de hospital público em desamparo

Genésio Vivanco Solano Sobrinho  
Entre cinzas e amigos ocultos  
Sem ver o tempo passar  
Mesclou choro e rio  
Que assim, justapostos  
Transmuda em política

Quem é você,  
Geraldo de Castro Pereira?  
Que fez brotar do brejo a flor-de-lótus  
Em plena primavera teve um desangano  
E se perdeu pelos caminhos da vida

Guilherme Feliciano  
Com cachimbos de ébano  
Pornomorfeando post mortem

Já José Antônio  
Quer distância  
Do Ladrão de Galinhas  
Do MMendes

Paulo Merçon

---

<sup>11</sup> Poema postado em 25.02.2011 pelo autor.

Que depois do copo d'água  
Pede um copo de cerveja  
Numa poética ipoem  
E com seu desencanto poético  
Cria um poema tombado

O Paulo Nunes  
É só desejo de poetar  
Pele e bytes  
Numa referencia linda  
Ao cordel para um nordestino poeta

Pepe Chaves  
Com sua íris  
Em três cenas e uma miragem

Zéu Palmeira  
E *La reve*  
E a invenção da infância e do menino  
Em choro e recomeço  
Numa melancolia desesperada de um menino  
(seria o mesmo?)  
Ou da caroça alada

Por fim...  
Eu e meu pai  
Dia desses  
Nos perguntamos porque,  
Sesmaria de morena?

## **A trilha sonora<sup>12</sup>**

<http://www.youtube.com/watch?v=-efVkyKsAX8>

<http://www.youtube.com/watch?v=DEC-CONOIhg>

[http://www.youtube.com/watch?v=8Vp2y\\_Doe4w](http://www.youtube.com/watch?v=8Vp2y_Doe4w)

<http://www.youtube.com/watch?v=Pzvrg-vLz94>

<http://www.youtube.com/watch?v=Bt15w-HYo2A&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=EGWg4YpS1ls&feature=fvw>

---

<sup>12</sup> Algumas das manifestações da lista têm sido uma canção indicada apenas pelo link no Youtube. As que seguem representam apenas uma parte do que se apropriou como repouso no meio do dia, não sem a dúvida sempre discutida: “Será que letra de música é poesia?” A trilha sonora vai para ajudar a fazer a pergunta ou a dar a resposta.

<http://www.youtube.com/watch?v=2NUdznkCZ74>

<http://www.youtube.com/watch?v=dFb1jKEzER0&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=EyjiqpgTKSA>

<http://www.youtube.com/watch?v=1xZa-B19qQ8>

<http://www.youtube.com/watch?v=fddswrZWHR8&feature=related>

[http://www.youtube.com/watch?v=GHWZP-aE\\_Xk&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=GHWZP-aE_Xk&feature=related)

<http://www.youtube.com/watch?v=HIt9lwaT1Jc>

<http://www.youtube.com/watch?v=J6uCnFuBQ10&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=NMFhgqIZUSc&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=o2pPTXKNtnU>

<http://www.youtube.com/watch?v=OC3ky2pGuLA>

<http://www.youtube.com/watch?v=oCjpx3cXs0>

<http://www.youtube.com/watch?v=ogDKrVL0aHQ>

<http://www.youtube.com/watch?v=QB4fjWfZrGQ&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=qmboJCgturg&NR=1>

<http://www.youtube.com/watch?v=SpVCNZ4gW1c&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=u5TvfFq81xw>

<http://www.youtube.com/watch?v=uz1DxVzA5tk>

<http://www.youtube.com/watch?v=vyqgjCKm9nQ>

<http://www.youtube.com/watch?v=W8WuzRSAfEE&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=waa6SZdu2J8&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=xX-HuI8IbAI>

<http://www.youtube.com/watch?v=XxipzhpjytY>

[http://www.youtube.com/watch?v=yQG\\_sb9k7bQ&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=yQG_sb9k7bQ&feature=related)

<http://www.youtube.com/watch?v=z9HH98woqfw&NR=1>

<http://www.youtube.com/watch?v=m5yEBFUap8M>

<http://www.youtube.com/watch?v=OKTRc7x-zCM&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=gZU7wwu-08o>